

Cid Seixas e Adriano Eysen
(Org.)

ORPHEU EM PESSOA



Simpósio Internacional 100 anos da revista *Orpheu*:
Fernando Pessoa e as Poéticas da Modernidade

e-book.br

EDITORA UNIVERSITÁRIA
DO LIVRO DIGITAL

ORPHEU EM PESSOA

O centenário da revista *Orpheu* permitiu-nos visitar, neste ano de 2015, a história de uma publicação de apenas dois números, formada por jovens rapazes. Não obstante a sua brevidade, *Orpheu*, fez com que a literatura escrita em português, e nomeadamente a poesia portuguesa, não mais voltasse a ser a mesma.

Essa e outras questões, sobre uma geração que teve como centro constelar o poeta Fernando Pessoa, são tratadas neste livro que é uma reunião de alguns trabalhos apresentados ao SIMPÓSIO INTERNACIONAL 100 ANOS DA REVISTA *ORPHEU*: FERNANDO PESSOA E AS POÉTICAS DA MODERNIDADE.

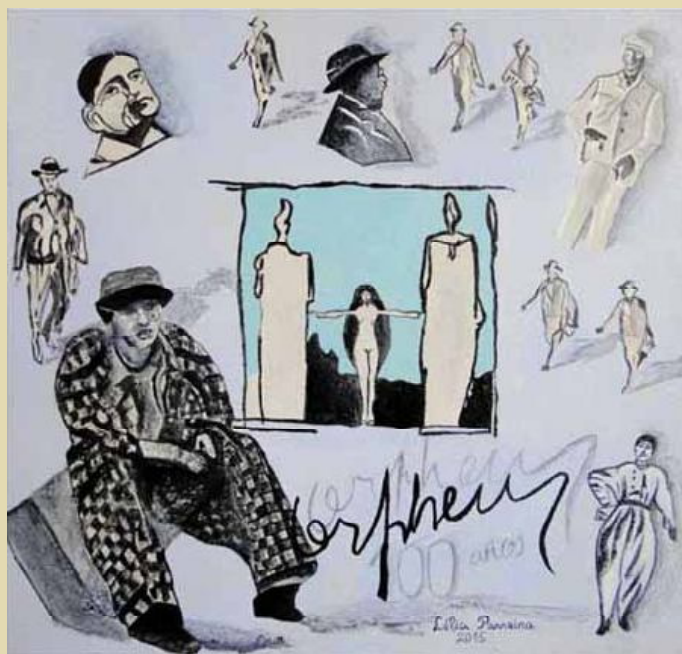
São ao todo dez autores que apresentam diferentes enfoques dos temas abordados.

«Essa Besta»: sobre *Orpheu*, Egas Moniz e Júlio de Matos

Jerónimo Pizarro
Universidad delos Andes

O centenário da revista *Orpheu* permitiu-nos revisitar, em 2015, a história de uma revista de rapazes muito novos que, em apenas dois números, fez com que a literatura escrita em português, e nomeadamente a poesia portuguesa, não mais voltasse a ser a mesma. O nosso desconhecimento da geração órfica era grande – era simples escrever sobre Fernando Pessoa, mas muito difícil fazê-lo sobre os colaboradores brasileiros, por exemplo, ou sobre Ângelo de Lima¹ – e diversos encontros, exposições, livros e artigos contribuíram para preencher lacunas, motivar a releitura da revista e promover novas investigações. Durante a preparação de uma exposição que coordenei em colaboração com Antonio Cardiello e Sílvia Costa, concebida para circular em vários contextos, como escolas, bibliotecas, centros de línguas – intitulada «Nós, os de Orpheu», e resultado de uma parceria entre a Casa Fernando Pessoa e o

¹ Ver os artigos de Santos e de Sousa em www.pessoaplural.com, n.º 7, 2015.



LÉLIA PARREIRA - ORPHEU: 100 ANOS

Camões – Instituto da Cooperação e da Língua, I.P.² –, lembro-me de uma descoberta que nos marcou significativamente: um exemplar de *Orpheu*, com anotações de Fernando Pessoa, conservado em Arronches, uma vila do distrito de Portalegre. Foi uma descoberta relativa, como todas as descobertas, mas permitiu-nos confirmar que Pessoa lia e colecionava as críticas de que a revista era alvo, não só para dar continuidade ao trabalho de Mário de Sá-Carneiro (que recortou e conservou muitas notícias de imprensa nos seus cadernos pautados), mas também para poder, ele mesmo, criticar a revista e conseguir que não deixasse de ser o assunto do dia, ou pelo menos um dos assuntos mais discutidos. *Orpheu* desassossegou a tal ponto o ambiente literário – no sentido pejorativo que a palavra “literatura” tinha nos dias de *Orpheu*, segundo José de Almada Negreiros (2015, p. 28) –, que em Novembro de 1915, num *music-hall* parisiense, o Scala, Mário de Sá-Carneiro terá escutado perto de si: «“olha, aquele é o gajo do *Orfeu*”...». Ter-se-ão assim expressado «três portugueses democráticos que nem de vista» conheciam Sá-Carneiro. O jovem poeta exclama e remata: «Uma força, Ah! sem duvida, o nosso *Orfeu*» (cota 115⁶-107^v).

Do mesmo exemplar de *Orpheu 1*, localizado em Arronches e pertencente a uma colecção particular, inserimos na supracitada exposição uma página que veio confirmar uma informação relativa a um soneto de Ronald de Carvalho, na margem do qual Pessoa escreveu, simplesmente, «Pontuação»:

² Ver: <http://www.instituto-camoes.pt/lingua-e-cultura/expo-nos-os-do-orpheu>

TORRE IGNOTA

Da sombra se ergue e não demóra
nas mãos que a cingem desejosas
o ar a fascina sempre e agora
e as linhas lava luminosas

O talhe inquieta a luz por fóra
sonham chimeras dolorosas
e não floresce na haste da hóra
nem a volúpia de outras rosas

Só de ser unica levanta
como um sorriso a pedraria
que o som dos bronzes acalanta

Da sombra se ergue para a glória
e a mão que a esfóra é argila fria
num vôo branco de memória

Sabemos hoje que os verdadeiros editores de *Orpheu* foram Pessoa e Sá-Carneiro, ainda que o nome de António Ferro figurasse como editor na capa da revista. Foram, portanto, os dois poetas que fizeram a revisão das provas tipográficas dos dois números publicados e optaram — significativamente — por *não* emendar algumas linhas:

Por exemplo... Reviamos nós, Sá-Carneiro e eu, as provas da primeira folha, quando surgiu, no prefácio de Luiz de Montalvor, a frase «maneiras ou formas» transtornada em «maneiras de formas». Ia a emendar, quando o Sá-Carneiro me suspendeu. «Deixe ir assim, deixe ir assim: assim ainda se entende menos.»

Um dos poemas de Ronald de Carvalho vinha, por distração ou outro qualquer motivo, mal pontuado. Tinha só um ponto no fim das quadras e outro no fim dos tercetos. Esta deficiência lembrou-me a extravagância de Mallarmé, alguns de cujos poemas não têm pontuação alguma, nem no fim um ponto final. E propuz ao Sá-Carneiro, com grande alegria d'elle, que fizéssemos por esquecimento voluntario, a mesma coisa ao soneto de Ronald de Carvalho. Assim sahiu. Quando mais tarde um critico apontou indignadamente que «a unica coisa original» nesse soneto era não ter pontuação, senti deveras um rebate longinquo num arremedo de consciencia. Depressa me tranquilisei a mim mesmo. A falta de fim justifica os meios. (Pessoa, 2009, p. 91)

Este testemunho é fundamental, porque demonstra a intervenção em dois textos de pendor simbolista por parte dos editores reais de *Orpheu*, que não só manifestaram interesse em que houvesse alguma incompreensão, como quiseram desafiar a cultura literária dos críticos da revista. De resto, Luís de Montalvor e Ronald de Carvalho admiravam Mallarmé, o que não se verificava necessariamente com os seus críticos, que ficaram, de facto, desconcertados.

O que me surpreende, em retrospectiva, não é apenas a armadilha que Pessoa e Sá-Carneiro lançaram à crítica, mas a reacção de Pessoa, em textos que conservou nas suas arcas, sobre o «Caso Guisado», que não é senão o «Caso Carvalho»:

Os nossos psychiatras estudaram psychiatria. Estão portanto competentes para dar uma opinião sobre assumptos psychiatricos. Se tivessem estudado biologia, estariam competentes para dar uma opinião sobre assumptos biologicos. [...] Estudaram elles literatura?

Veja-se esta phrase do neurologista anonymo que produziu aquelle primor do Caso Guisado: «nada de pontuação». Esta besta desconhece Mallarmé.

«Esta besta»? Porque «esta besta»?

Bom, desconhecer Mallarmé equivale, hoje, a uma grave falta de cultura literaria. Não levo a mal a um psychiatra que desconheça Mallarmé. Mallarmé não é um tratadista do género. Mas levo-lhe a mal que falle sobre literatura, sem cultura literaria nenhuma. (Pessoa, 2006, tomo 2, p. 398; cf. Pizarro, 2007, pp. 168-170)

Pessoa talvez não esperasse que os psiquiatras se pronunciassem sobre *Orpheu*, e indignou-se com o diagnóstico de alienação mental que pairou sobre os colaboradores da revista, embora soubesse que a recepção da revista comportaria incompreensão e que, como diria Álvaro de Campos, numa carta incendiária de 4 de Junho de 1915, «os genios innovadores fôram sempre, quando não tratados como doidos (como Verlaine e Mallarmé), tratados como parvos (como Wordsworth, Keats e Rossetti) ou como, além de parvos, inimigos da patria, da religião e da moralidade, como aconteceu a Anthero de Quental» (Pessoa, 2014, p. 533).

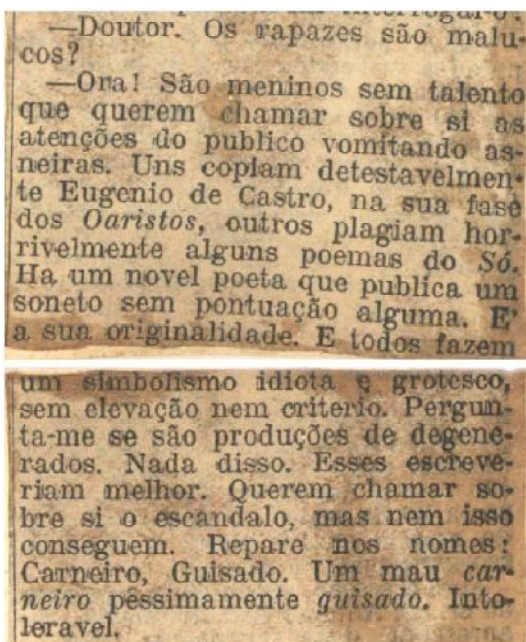
No exemplar de Arronches figura também um texto manuscrito por Pessoa – trata-se da sua caligrafia – no verso da última página de *Orpheu* 1, ou seja, no verso na última página da «Ode Triunfal». Nesse texto, cuja autoria não nos foi fácil estabelecer (devemo-lo a Antonio Cardiello), lê-se esta opinião ou depoimento:

Meninos sem <sombra de> talento que quizeram chamar sobre si a atenção do publico vomitando asneiras. Uns copiam detestavelmente Eugenio de Castro na sua phase do *Oaristos*,

outros plagiam horrivelmente alguns poemas do *Só*. Há um novel poeta que publica um soneto sem pontuação alguma. É a sua originalidade. E todos fazem um simbolismo idiota e grotesco, sem elevação nem critério. Pergunta-me se são produções de degenerados. Nada d'isso. Esses escreveriam melhor. Querem chamar sobre si o escândalo, mas nem isso conseguem. Repare nos nomes: Carneiro, Guizado. Um [†mau] carneiro pesadamente guizado. Intolerável.

O texto poderia ser de um Pessoa que estivesse a tecer uma autocritica irónica, como na realidade o fez nos dias de *Orpheu*. Nesse caso, porém, estranharíamos que «simbolismo» surgisse sem o «y» inicial e seria muito improvável que fizesse troça dos nomes de Sá-Carneiro e Guizado. O testemunho, verificou-se mais tarde, era da autoria de um «neurologista anonymo», presumivelmente Egas Moniz, que conhecia pessoalmente tanto Pessoa, como Sá-Carneiro³, e que talvez por isso tenha exigido o anonimato. Vejam-se estes pormenores e repare-se em algumas diferenças entre a transcrição de Pessoa e o texto impresso («quizeram» vs. «querem», por exemplo):

³ Fernando Pessoa conhecia Egas Moniz desde, pelo menos, 1907. Terá sido o famoso neurologista que o encaminhou para as aulas de ginástica sueca com Luiz Furtado Coelho: «Quando, em 1907, o Prof. Egas Moniz me passou, para fins gymnasticos, para as mãos de Luiz Furtado Coelho, para ser cadaver só me faltava morrer» (Pessoa, 1933). Quanto a Mário de Sá-Carneiro, este terá, segundo Eduardo Macieira Coelho (2005), consultado Egas Moniz pouco depois da publicação do primeiro número do *Orpheu*, não sendo esta a primeira vez que o jovem escritor procurava um neurologista.



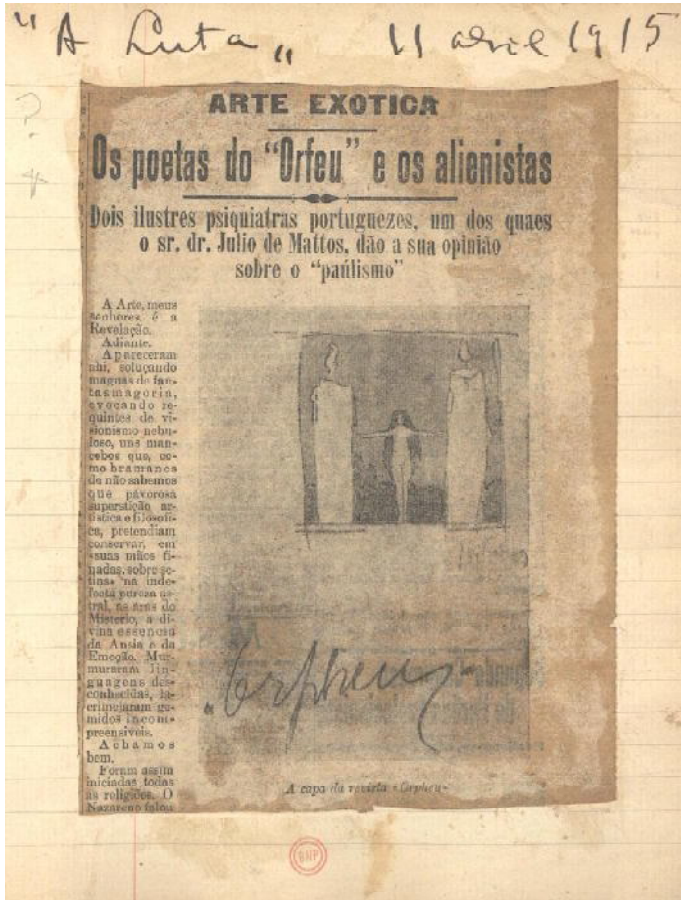
Ao que parece, à pergunta, «—Doutor. Os rapazes são malucos?», o futuro Nobel terá respondido com o texto que Pessoa transcreveu e que, mais tarde, criticou duramente em textos que permaneceram inéditos nas suas arcas até a sua morte.

O estudo do exemplar de *Orphen* 1 permitiu-nos, portanto, esclarecer um mistério – a origem desse «nada de pontuação» (leia-se «sem pontuação alguma») –, perceber a transcendência do artigo «Os poetas do “Orfeu” e os alienistas» (ver Anexo), compreender a indignação de Pessoa contra os jornalistas (Mas então os reporters agora garantem a intelligencia dos psychiatras?, 2006,

tomo 2, p. 397), e por último, mas não menos importante, contextualizar melhor um texto publicado em *Escritos sobre Génio e Loucura*, intitulado «A superstição científica», em que Pessoa se insurge contra Egas Moniz («o Conselheiro Accacio da neurologia nacional», 2006, tomo 2, p. 398) e Júlio de Matos, e sugere que se faça um estudo psiquiátrico dos próprios psiquiatras. Compreender melhor a origem desse texto, onde Pessoa ataca apenas dois psiquiatras, é o que hoje me permite sugerir que a primeira «besta» remetesse para Egas Moniz, e a segunda, para Júlio de Matos. «O que me indigna» – explica Pessoa em «A superstição científica» – «não é que estes parvos da sciencia tenham estas opiniões. É que elles gosem, no nosso meio de idiotas, do prestígio sufficiente para que a essas opiniões se ligue importancia»; e remata, furioso: «Em outro paiz qualquér, um pretenso homem de sciencia que produzisse aquelle □ do *Caso Guisado* [leia-se do Caso Carvalho] perdia a clientela. Que especie de idiota é este!» (2006, tomo 2, p. 397). Egas Moniz não só não perdeu a clientela, como foi posteriormente galardoado com um Nobel muito contestado. O «neuropata» presidiu ainda ao Centro de Estudos Egas Moniz, inicialmente sediado no Hospital Júlio de Matos, o manicómio que veio substituir o de Rilhafoles, que Matos dirigiu entre 1911 e 1923. Foi esse o manicómio onde estava internado Ângelo de Lima, o poeta que os órficos convidaram para abrir *Orpheu 2*, num gesto de máxima provocação e elegância.

ANEXOS

Ver transcrição nas páginas seguintes.



[BNP/E3, 115-17^r]

por pastilhas de almas secas, de
pedra. Os pedregal foram epiléticos,
sondadores ritmados, que andaram
tângendo, por sobre os calhaus da
montanha, e nas tristes plagas do gar-
tório, o alado magro da Fé. Escor-
tam em riuões unguis de pedras, de
traz e de depra, o canteio inatual
da salvação. Descentramm a dor, fer-
ram a beleza espiritual e chamam a Si-
stema Lusio.

Admiras bem.
Afinal os poetas são os profetas.
Ha poemas feitos de nervos e ha poe-
mas em que a sanidade modula hinos
da paz e de depra. E ha deliro febli-
das convulsões e da melodia sermões
das baladas pastoris, a lisonja tran-
sparece, e escraviza, espiritualiza e ven-
ta.

Mas os manobros preciosos da nova
escala literaria produziram uma lingua
litterari abstração. Publicaram o 1.^o
numero na sua litta televisual, o Or-
feu, e a humanidade rio. Ora os pro-
fetas que andaram tângendo o alado
místico da Fé foram cuspidos e acor-
tados, crucificados e apedrejados. Os
poetas não. Ninguem se indignou
contra eles. Num epico unisono de
bom humor, a humanidade promou-
lhes as esquisites a gargalhada.

Contudo, talvez eles fossem an-
tes dignos de piedade. Quem sabe?
Victimas de uma degenerescença
cruel, tarados de perversões impla-
cáveis, que traduziram em sonori-
dade verbal, as perturbacoes cere-
braes, a lamida diabólica das suas
alucinacões.

Em verdade, não acreditavamos
muito nisso. Os poetas do Orfeu,
como os seus manos da revista
colmbre A Galea, são creaturas
que temo dado excelentes provas
da normalidade constitucional das
respectivas cabeças. E velos por
ahi a falarem e a escreverem em
vulgata, correntemente, e até—o
cumulo da serde! — bastante me-
dicremente.

No entanto, não nos achavamos
completamente cegos a este res-
peito. E porque esta ovescencia
doomia de literaturas cabellidens
que por ali apparecem, poderia
ser o indice de uma grande corren-
te de nervos colectiva, digna do
estudo dos homens de sciencia, fo-
mos procurar dois illustres psiquia-
tras que nos poderiam elucidar ce-
guramente sobre o assunto.

De como um medico nervopa-
ta não se preocupou com o
caso e disse duas blasugas.

Fomos ao consultorio do primei-
ro, all, numa salada. E' um de-
male afamado, medico portuguez
de coja, clara intelligencia, se tem
ritidamente aditado q'uerq'ue
po da politica, onde tem grande

a sua actividade, que em sua obra
scientifico. E', além da sua especia-
lidade de doctores nervosos e mae-
tass, um dilettanti em coisa d'arte
le, e por isso, tudo o indicava para
appreciar, sob o duplo ponto de
vista patologico e artistico, a pos-
sibilidade de Orfeu.

Estava, e dispoz-se gentilmente
a receber-nos. Era, porém, neces-
sario esperar um pouco. Para pae-
sar o tempo, fomos folheando o
Orfeu. Logo na introduccão, escrí-
ta numa linguagem rasilada e des-
conexa, um dos pequenos soneta-
crist «Bem representativos da sua
estructura, os que se formam em
Orfeu concentramo dentro do mes-
mo nivel de competencas para o
mesmo ritmo, em elevação, unida-
de e discreção, de onde dependem
a harmonia estetica que será o
lito da sua especialidade.»

Pazencia-lhe o favor de perceber.
Quer ele dizer na sua que os jo-
vens huicicos afinam todos pelo
mesmo diapason. Vejamos:

Labyrintho de sahas Adormeo-me cto
Ania apaga. Deu doce maha Ana
Musa olha p'm te ver, acceda nos apelo-
do

Edade accede d'eter saca e Lun
Dado as floas corream sempre jado.

Não posso estar em parte alguma. A minha
litta e cada me cto. Sei saca a tra-
O momento de todo e vto
Algo está a succa, e o resto de p'hibe
Que ha lito acceda na lito.
So para saca a lito de mim que mto.

Rita, está, e a lito
Doitimo partir a cubra de cto de tra-
O' lito de tra- lito O' p'hibe
O' antigo lito e o lito a gto que gto
O' gto de tra- lito com varias lito
O' mto de tra- lito

Uff! A mal o Orfeu é uma amal-
gama decharridens de disparate-
fies. Não merece a pena ter mais.
Vamos até a lito. A lito é cal-
me e no Oriente, ac oriente da
O lito, um cto em que d'ita
dormo, um ser em cordados lito-
sosa, definicosa ananhas, saca
sem portos d'aquimlas, como eles
dison.

Mas o donar mundo nos chamar.
Damos pressa em interrogar-o.

—Doutor, os sapatos são mal-
cos?

—Ora! São merinos sem talento
que querem chamar sobre si as
atenções do publico vomitando as
neiras. Uns copiam descependen-
te Eugenio de Castro, na sua lito
dos Orizos, outros plagiam hor-
rivelmente alguns poemas do Sá.
Ha um novel poeta que publica um
soneto sem pontuação alguma. E'
a sua originalidade. E todos fazem

"A lito" 11-16-1915 (continua)

um simbolismo idiota e grotesco, sem elevação nem crítica. Põem-na-me as mão produzidos de degenerados. Nada disso. Esses escreveriam melhor. Querem chamar sobre si o escândalo, mas sem isso conseguem. Hei-lhe nos nomes: Carneiro, Guisado. Um mau caracero pessimamente guisado. Inotervavel.

—Que!? Não são artistas nem loucos, nem profetas?

—Não. São chuchadores de mau gosto.

—Lá chuchadores... Os homens, afinal, parece que fazem aquilo muito o serio.

—Então levam-nos para os manicômios, e melancóis nos pavilhões dos dementes. Não são dignos de se juntarem com os perseguidos e delirantes. Esses são muito mais esportos...

E ficamos com esta, além da recomendação de não declinar o nome do nosso illustre entrevistado.

O sr. dr. Julio de M. lo, diretor do Manicômio Bombar do, manifesta tambem pelas postas do *Orfeu* o maior daadam

Dignifico, dali, os passos para Ribinfolha. Declinada a identidade, o não menos lustru psiquiatra sr. dr. Julio de Matos, cuja alta capacidade scientifica se celebrizou justamente, e é tambem, a par disso, um homem a quem as manifestações da Arte não detizam indifferente, recebe-os no seu gabinete com a mais cativante urbanidade, e dá-nos em poucas e concretas palavras a sua opinião:

—Eu ainda não li a nova revista. Mas, essas cretulas não são legais indivíduos que querem a fim força coletivista e provocando o escândalo. A concorrencia nas sociedades modernas é terrivel. Custa muito a fazer um nome. Por isso, os postas do *Orfeu* escreveram nesses disparatos, talvez com o fim, se á que tem talento de passarem depois a escrever coisas de valor, quando já todos tiveram reparado sufficientemente nos seus nomes. De resto, o processo não é original. Já Eugenio de Castro e outros poetas que se intitulavam de cadentes, o usaram. Antonio Nobres, que antes se intitulava Paula, fizeo magnificas versos, da boa forma portugueza, depois fez-se de cadentista e de outros poetas, que afinal, foram as que mais agradaram. No entanto, esses tinham real talento. Estes não se se o terão.

Como o nosso entrevistado não lerá ainda o *Orfeu*, lemô-lhe nos algumas passagens. Encheu os

homens. Por fim chamámos-lhe a abenção para os versos:

Cala-me agora um biscoito. Oha, lá vai ele e volta!

Vestido de branco, nos salões do Voo-Bal

... Isso é o que não chamamos em terminologia tecnica, a *disociação da personalidade*, como se dá com certos doentes atacados de histeria, que, durante a crise, crevem e agem como se fosse outra a inspiração de terceira entidade. Mas esses, passado esse momento, não se recordam de nada e não são capazes de dar forma ás suas alucinações. E do *Orfeu* são apenas simuladores. É evidente que quem quiser ser extravagante tem de se assemelhar aos loucos. O terreno comum onde se encontram a o disparate. Em Franca, com os românticos, seguem um pouco a mesma. Para scandalizarem e suscetibilidades burguezas, passavam a andar vestidos de cores berantes, de maneira diferente de todos. Beaudelaire, um dia, chegou-se ao pé de um sujeito que estava em companhia de tres filhas e perguntou-lhe qual delas é que se destinava á prostituição. Ora isto significaria que Beaudelaire era mal-crado, no verdadeiro sentido da palavra? Por certo não. Apenas significava o proposito consciente e premeditado de ferir, da *epater le bourgeois*. Um dia, este poeta fez a eccentricidade de pintar os cabelos de verde. Os amigos, que já estavam prevenidos, não fizeram caso. Beaudelaire, que queria causar impressão, ficou furo por não lhe ligarem importancia. E tratou logo de rapar o cabelo á escovinha, coisa que não se usava, para vez ainda se conseguia despertar as atenções. É evidente que estas creaturas não são absolutamente equilibradas. Mas tambem não é justo chamá-lhes doidos. Defendam-se lá. A minha opinião resumida é isto: Os senhores fazem mal em ligar-lhes importancia, em fazer-lhes reclamação. Isso é o que eles querem.

Portanto não são doidos. E é preciso ter dó. Podemos rir-nos deles.



A Luta 11-V-1915 (arquivo)

[BNP/E3, 115-18]

“A Luta”, 11 abril 1915
(Transcrição)

ARTE EXOTICA

Os poetas do “Orfeu” e os alienistas

Dois ilustres psiquiatras portuguezes,
um dos quaes o sr. dr. Julio de Mattos,
dão a sua opinião sobre o “paúlismo”

A Arte, meus senhores, é a Revelação.
Adiante.

Apareceram ahí, soluçando maguas de fantasmagoria, evocando requintes de visionismo nebuloso, uns mancebos que, como bramanes de não sabemos que pavorosa superstição artistica e filosofica, pretendiam conservar, em «suas mãos finadas, sobre setins» na indefecta pureza astral, as aras do Misterio, a divina essencia da Ansia e da Emoção. Murmuraram linguagens desconhecidas, lacrimejaram gemidos incompreensíveis.

Achamos bem.

Foram assim iniciadas todas as religiões. O Nazareno falou por parabolos ás almas errantes do pecado. Os profetas foram epileticos, sonhadores videntes, que andaram tangendo, por sobre os calhaus da montanha, e nas áridas plagas do martirio, o alaúde magico da Fé. Entoaram em ritmos ungidos de perdão, de graça e de doçura, o cantico triunfal da salvação. Desincarnaram

a dôr, fizeram a beleza espiritual e criaram a Suprema Ilusão.

Achamos bem.

A final os poetas são os profetas. Ha poemas feitos de nevrose e ha poemas em que a suavidade modula hinos de paz e de doçura. E no delirio febril das convulsões e da melodia enternecida das baladas pastoris, a Beleza transparece e escravisa, espiritualisa e vence.

Mas os mancebos preciosos da nova escola literaria produziram uma inqualificavel aberração. Publicaram o 1.º numero da sua biblia trimensal, o *Orfeu*, e a humanidade riu. Ora os profetas que andam tangendo o alaúde mistico da Fé foram cuspidos e açotados, crucificados e apedrejados. Os *paúlistas* não. Ninguém se indignou contra eles. Num epico unisono de bom humor, a humanidade premiou-lhes as esquisitices á gargalhada.

Comtudo, talvez eles fossem antes dignos de piedade. Quem sabe? Victimias de uma degenerescencia cruel, tarados de perversões implacaveis, que traduziram em sonoridade verbal, as perturbações cerebraes, o bailado diabolico das suas alucinações.

Em verdade, não acreditavamos muito nisso. Os poetas do *Orfeu*, como os seus manos da revista coimbrã *A Galera*, são creaturas que teem dado excelentes provas da normalidade constitucional das respectivas cabeças. É vel-os por ahi a falarem e a escreverem em vulgata, correntiamente, e até – ó cumulo da saúde! – bastante mediocrementemente...

No emtanto, não nos achavamos completamente seguros a este respeito. E porque esta efervescencia

doentia de literaturas cabalísticas que por ahí aparecem poderia ser o índice de uma grande corrente de nevrose colectiva, digna do estudo dos homens de sciencia, fomos procurar dois illustres psiquiatras que nos poderiam elucidar seguramente sobre o assunto.

De como um medico nervopata não se preocupou com o caso e disse duas «blagues»

Fomos ao consultorio do primeiro, ali, numa saltada. É um dos mais afamados medicos portuguezes, cuja clara inteligencia se tem nitidamente afirmado quer no campo da politica, onde tem exercido a sua actividade, quer na sua obra scientifica. É, além de um especialista de doenças nervosas e mentaes, um *diletantti* em coisas d'arte, e por isso, tudo o indicava para apreciar, sob o duplo ponto de vista patologico e artistico, a poesia dissonante do *Orfeu*.

Estava, e dispoz-se gentilmente a receber-nos. Era, porém, necessario esperar um pouco. Para passar o tempo, fomos folheando o *Orfeu*. Logo na introdução, escrita numa linguagem rasteira e desconexa, um dos pequenos sentencia: «Bem representativos da sua estrutura, os que a formam em *Orfeu* concorrerão dentro do mesmo nivel de competencia para o mesmo ritmo, em elevação, unidade e discrição, de onde dependerá a harmonia estetica que será o tipo da sua especialidade.»

Fazemos-lhe o favor de perceber. Quer ele dizer na sua que os jovens *luaricos* afinam todos pelo mesmo diapasão. Vejamos:

Labirinto de sonhos. Adormeço-me oiro
Ancia apagada. Deus desce minha alma em oiro
Meus olhos p'ra te ver, arcadas nos espelhos.

Um deles

Idade acorde d'Inter sonho e Lua
Onde as horas corriam sempre jade.

Outro

Não posso estar em parte alguma. A minha
Patria é onde não estou. Sou doente e fraco.
O comissario de bordo é velhaco
Viu-me co'a a sueca... e o resto ele adivinha.
Um dia faço escandalo cá a bordo,
Só para dar que falar de mim aos mais.

Terceiro

Eh-lá, eh-lá, eh-lá, catedrais
Deixai-me partir a cabeça de encontro ás vossas es-
quinas,

Ó fazendas nas montras! Ó manequins! Ó ultimos fi-
gurinos!

Ó artigos inuteis que toda a gente quer comprar!

Olá grandes armazens com varias secções!

O meomissimo

Uff! Afinal o *Orfeu* é uma amalgama desharmoniosa
de dispausterios. Não merece a pena ver mais. Vamos
até á janela. A tarde é calma e no «Oriente, ao oriente
do Oriente», num céu em que «Iris dorme meu Ser em
cortinados lassos», definemse manchas vagas «em pon-
tos d'alquimia», como eles dizem.

Mas o doutor manda-nos chamar. Damo-nos pressa
em interrogal-o:

— Doutor. Os rapazes são malucos?

— Ora! São meninos sem talento que querem chamar sobre si as atenções do publico vomitando asneiras. Uns copiam detestavelmente Eugenio de Castro, na sua fase dos *Oaristos*, outros plagam horrivelmente alguns poemas do *Só*. Ha um novel poeta que publica um soneto sem pontuação alguma. É a sua originalidade. E todos fazem um simbolismo idiota e grotesco, sem elevação nem criterio. Pergunta-me se são produções de degenerados. Nada disso. Esses escreveriam melhor. Querem chamar sobre si o escandalo, mas nem isso conseguem. Repare nos nomes: Carneiro, Guisado. Um mau *carneiro* pessimamente *guisado*. Intoleravel.

— Quê!? Não são artistas nem loucos, nem profetas?

— Não. São *chuchadores* de mau gosto.

— Lá *chuchadores*... Os homens, afinal, parece que fazem aquilo muito a serio.

— Então levem-nos para os manicomios, e metam-nos nos pavilhões dos dementes. Não são dignos de se juntarem com os perseguidos e delirantes. Esses são muito mais espertos...

E ficámo-nos com esta, além da recomendação de não declinarmos o nome do nosso ilustre entrevistado.

O sr. dr. Julio de Matos, director do Manicomio Bombarda, manifesta tambem pelos poetas do «Orfeu» o maior desdem

Dirigimos, dali, os passos para Rilhafolles. Declinada a nossa identidade, o não menos ilustre psiquiatra

sr. dr. Julio de Matos, cuja alta capacidade científica se celebrizou justamente, e é também, a par disso, um homem a quem as manifestações da Arte não deixam indiferente, recebe-nos no seu gabinete com a mais cativante urbanidade, e dá-nos em poucas e concretas palavras a sua opinião:

— Eu ainda não li a nova revista. Mas, essas criaturas são em geral indivíduos que querem á fina força celebrisar-se provocando o escandalo. A concorrência nas sociedades modernas é terrível. Custa muito a fazer um nome. Por isso, os poetas do *Orfeu* escrevem esses disparates, talvez com o fito, — se é que tem talento — de passarem depois a escrever coisas de valor, quando já todos tiverem reparado suficientemente nos seus nomes. De resto, o processo não é original. Já Eugenio de Castro e outros poetas que se intitulavam decadentes, o usaram. Antonio Nobre, que antes de ir para Paris fizera magníficos versos, da boa forma portugueza, depois fez-se decadentista e deu-nos poesias, que afinal, foram as que mais agradaram. No entanto, esses tinham real talento. Estes não sei se o terão.

Como o nosso entrevistado não lera ainda o *Orfeu*, lemos-lhe nós algumas passagens. Encolheu os hombros. Por fim chamámos-lhe a atenção para os versos:

Caiu-me agora um braço... Olha, lá vae ele a valsar
Vestido de casaco, nos salões do Vice-Rei

— Isso é o que nós chamamos em terminologia técnica, a *dissociação da personalidade*, como se dá com certos doentes atacados de histeria, que, durante a cri-

se, escrevem e agem como se fosse sob a inspiração de terceira entidade. Mas esses, passado esse momento, não se recordam de nada e não são capazes de dar forma às suas alucinações. Os do *Orfeu* são apenas simuladores. É evidente que quem quizer ser extravagante tem de se assemelhar aos loucos. O terreno comum onde se encontram é o disparate. Em França, com os românticos, sucedeu um pouco o mesmo. Para escandalisarem a susceptibilidade burguesa, passaram a andar vestidos de côres berrantes, de maneira diferente de todos. Beaudelaire, um dia, chegou-se ao pé de um sujeito que estava em companhia de tres filhas e perguntou-lhe qual delas é que se destinava à prostituição... Ora isto significaria que Beaudelaire era malcriado, no verdadeiro sentido da palavra? Por certo não. Apenas significava o proposito consciente e premeditado de ferir, de *épater le bourgeois*. Um dia, este poeta teve a excentricidade de pintar os cabelos de verde. Os amigos, que já estavam prevenidos, não fizeram caso. Beaudelaire, que queria causar impressão, ficou furo por não lhe ligarem importancia. E tratou logo de rapar o cabelo á escovinha, coisa que não se usava, para ver ainda se conseguia despertar as atenções. É evidente que estas creaturas não são absolutamente equilibradas. Mas tambem não é justo chamar-lhes doidos. Deixem-nos lá. A minha opinião resume-se nisto: Os senhores fazem mal em ligar-lhes importancia, em fazer-lhes reclame. Isso é o que eles querem.

Portanto não são doidos. É escusado ter dó. Podemos rir-nos deles...

- Passos da Cruz,	
- Almeida.	

Em todos tempos quem imovam
caluni a chapa de o unisericios
da plebe.

A superstitias scientificas. O
psiquiatria tende a ser por
psychology

O psiquiatria ve nos puros
estados de pto uma sendo em
a de de. Plus en i' por elle
le- lta aut em vidoz. Appto e
uniporante. De vi d um anpt.
De vi vi vi os cursos em se nles
a me oomupto.

O caso de Lombroso i' t'pico. Ota vi-
fli;

O charlatão italiano (acabou refrito,
por causa da "justiça viananenti")



*A superstição científica.*⁴

O psychiatra tende a crêr que é psychologo.

O psychiatra vê nas phrases extranhas dos poetas uma semelhança com as dos doidos. *Mas isso é porque elle não lida senão com doidos.* ~~Appox~~ É um ignorante. Sabe só de um assumpto. Porisso não vê as cousas senão em relação a esse assumpto.

O caso de Lombroso é typico. Este infeliz □

O charlatão italiano (acabou espirita, por causa da “justiça immanente”) □

⁴ Depois de um traço que separa este título de uns apontamentos: «— Passos da Cruz. | — Além-Deus. | Em todos os tempos quem inscreveu calunia da chapa sobre o misoneismo da plebe».

15B³-82

O inimitável talento do sr. J. J. de
Mello parece-se com alguma uni-
ões feitas de madeira que
lutar já começa.

O sr. G. M. J. parece a'
grau, em opor na sua uni-
ões, o perigo entre a união
do Porto

Tenho a impressão de que todos
ellos são do partido de trinta
fillos.

O que interessa é ---

garante - os atos - por?
O ~~problema~~ ^{problema} que se interessa...
mas ~~este~~ ^{este} ~~problema~~ ^{problema} ~~reporta~~ ^{reporta} ~~para~~ ^{para}
a união de psiquiátricos?

[BNP/E3, 15B³-82]

O immenso talento do dr. Julio de Mattos parece-se com aquelle immenso talento do individuo que o leitor já conhece.

O snr. Egas Moniz pertence á geração que apanha na sua mocidade o periodo entre a revolta do Porto □

Tenho a impressão de que todos elles são do partido de Hintze Ribeiro.

O primeiro entrevistado é □
garante-nos isto – quem?

O ~~jornalista~~ [↑ reporter] que o entrevista...

Mas ~~um jornalista~~ [↑ então os] reporter[s] [↑ agora] garantem a intelligencia dos psychiatras?

15B³-83

O que me indigna não é que estes
pauzes da ciência tenham estes equívocos.
É que eles mesmo, no nome mesmo
de civis, se prestam a fazer
por a sero quis o tipo inepto.
Foi até há pouco, um ~~homem~~
~~capta~~ ~~por~~ ~~problemas~~ ~~honra~~ ~~a~~ ~~ciência~~
que proferia a palavra de com
primo pela a ciência. Que equívoco
de direita é este!

La mi figura con estos psicólogos
o psicólogos? vale hoy a jam.
A indisciplinada intelectual...

Alí están o psicólogos a los
pocos a los. Trazo en un caso por
Mr. Dickson en mis platos a
señal no vianan. O H. G. G.
por o Comissari de la Ciencia de
psicología nacional. Nunca ten
una qui ppi. Nunca culpni
sino en una única frase. Capi
smp.

[BNP/E3, 15B³-83]

O que me indigna não é que estes parvos da sciencia tenham estas opiniões. É que elles gosem, no nosso meio de idiotas, do prestigio sufficiente para que a essas opiniões se ligue importancia. Em outro paiz qualquér, um ~~mentecapto~~ que pretenso homem de sciencia que produzisse aquelle □ do *Caso Guisado* perdia a clientela. Que especie de idiota é este!

Se nós fizéssemos um estudo psychiatrico dos *psychiatras*? Valia talvez a pena.

A indisciplina intellectual...

Além d'isso os psychiatras ainda são portugueses a valer. Trazem os vincos que lhes deixaram os meios politico e social onde viveram. O Dr. Egas Moniz é o Conselheiro Accacio da neurologia nacional. Nunca teve uma opinião propria. Nunca esculpiu relevo em uma unica phrase. Seguiu sempre.

15B³-84

Os novos psiquiatras estudaram
psiquiatria. Estão portanto con-
pulsos para dar uma opinião
sobre os métodos psiquiátricos. E têm
estudado muito, mas o estudo não
foi uma espécie de estudo literário.
Dado que um tipo de literatura
pouca, por isso, por esse motivo não
têm uma atitude - um psiquiatra,
por isso, a literatura a opinião sobre psiquiatria
nas literaturas.

Estudaram as literaturas?

Veja-se as palavras de um autor
bom amigo por quem eu sou
um de seus admiradores: "um
em francês" (esta letra de
Mallarmé).

"Está bem? Ou não está?"

Um "doutor" francês, um
é um grande fante de cultura. Mas
há a um e um psiquiatra por
Mallarmé. Malmeu não é um
de quem. Mas há a um e um
de literatura, na cultura literária

[BNP/E3, 15B³-84]

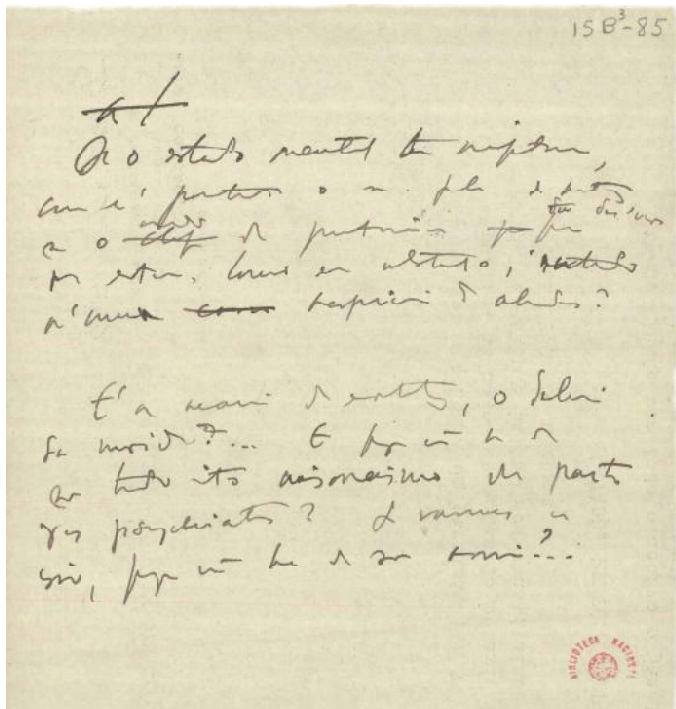
Os nossos psychiatras estudaram psychiatria. Estão portanto competentes para dar uma opinião sobre assumptos psychiatricos. Se tivessem estudado biologia, estariam competentes para dar uma opinião sobre assumptos biologicos. Para dar uma opinião sobre literatura, parece, pois, que era mister que tivessem estudado – não psychiatria, que só os habilita a opinar sobre psychiatria – mas literatura.

Estudaram elles literatura?

Veja-se esta phrase do ~~pr~~ neurologista anonymo que produziu aquelle primor do Caso Guisado: “nada de pontuação”. Esta besta desconhece Mallarmé.

“Esta besta”? Porque “esta besta”?

Bom, desconhecer Mallarmé equivale, hoje, a uma grave falta de cultura literaria. Não levo a mal a um psychiatra que desconheça Mallarmé. Mallarmé não é um tratadista do genero. Mas levo-lhe a mal que falle sobre literatura, sem cultura literaria nenhuma.

[BNP/E3, 15B³-85]

A4

Se o estado mental tem impostores, como é permitido o sr. Julio de Mattos, se o ~~chefe~~ [† medico] da penitenciaria já por [† ~~du~~ duas vezes] já esteve, louco em abstracto, <†>/a\tado n'uma ~~casa~~ hospicio de alienados?⁵

É a mania da estranheza, o delirio da novidade?... E porque não ha de de ser tudo isto misoneismo da parte dos psychiatras? Se vamos a isso, porque não ha de ser assim?...

⁵ A leitura deste parágrafo deve considerar-se conjectural.

BIBLIOGRAFIA

- Coelho, Eduardo Macieira (2005). «Da Medicina e das Belas Artes. Mário de Sá-Carneiro – O poeta, Ele e o Outro», revista *Ordem dos Médicos*, Julho-Agosto, pp. 48-50.
- Negreiros, José de Almada (2015). *Orpheu 1915-1965*. Lisboa: Ática. Paginação de Rita Lynce sobre maquete original e concepção gráfica de José de Almada Negreiros em 1965.
- Pessoa, Fernando (2014). *Obras Completas de Álvaro de Campos*. Edição de Jerónimo Pizarro e Antonio Cardiello; colaboração de Jorge Uribe e Filipa Freitas. Lisboa: Tinta-da-china.
- _____. (2009). *Sensacionismo e Outros Ismos*. Edição crítica de Jerónimo Pizarro. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda.
- _____. (2006). *Escritos sobre Génio e Loucura*, Edição crítica de Jerónimo Pizarro. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda. 2 tomos.
- _____. (1933). «O que um milionário americano fez em Portugal», *Fuma*, n.º 4, 3 de Março.
- Pizarro, Jerónimo (2007). *Fernando Pessoa: entre génio e loucura*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda.
- Santos, Sofia (2015). «Cópia dos Autos de Polícia Correccional de Lisboa, Arquivo Clínico e mais alguns documentos referentes ao caso biográfico e psiquiátrico de Ângelo de Lima», in *Pessoa Plural – A Journal of Fernando Pessoa Studies*, n.º 7, Primavera, pp. 220-291.
- http://www.brown.edu/Departments/Portuguese_Brazilian_Studies/ejph/peessoaplural/Issue7/PDF/I7A11.pdf
- Sousa, Rui (2015). «Nos Bastidores do “Drama em Gente”: etapas da Evolução dos Heterónimos à luz da correspondência órfica», in *Pessoa Plural – A Journal of Fernando Pessoa Studies*, n.º 7, Primavera, pp. 133-159.
- http://www.brown.edu/Departments/Portuguese_Brazilian_Studies/ejph/peessoaplural/Issue7/PDF/I7A07.pdf
- _____. (2015). «Os Bastidores Brasileiros de *Orpheu*. páginas da revista *Fon-Fon!* (1912-1914)», in *Pessoa Plural – A Journal of Fernando Pessoa Studies*, n.º 7, Primavera, pp. 160-181.
- http://www.brown.edu/Departments/Portuguese_Brazilian_Studies/ejph/peessoaplural/Issue7/PDF/I7A08.pdf

Este 6º volume da Coleção Oficina do Livro, denominado *Orpheu em Pessoa*, reúne alguns trabalhos apresentados ao Simpósio Internacinal 100 Anos da Revista *Orpheu*: Fernando Pessoa e as Poéticas da Modernidade, realizado no mês de junho de 2015.

O leitor deste livro virtual terá a feliz oportunidade de ter acesso a dez artigos dos seguintes autores brasileiros e estrangeiros:

Jerónimo Pizarro,
Adriano Eysen,
Manuela Parreira
da Silva,
Sandro Ornellas,
Audemaro Goulart,
Alana El Fahl,
Luiz Antonio Valverde,
Tércia Costa Valverde,
Cid Seixas
e Lélia Parreira Duarte.

ORPHEU EM PESSOA

Cid Seixas e Adriano Eysen
organizaram este volume a partir
dos trabalhos apresentados ao
Simpósio Internacional 100 anos da Revista *Orpheu*:
Fernando Pessoa e as Poéticas da Modernidade.

Com este livro,
mais um grupo de estudiosos
brasileiros e estrangeiros
integra-se ao esforço reazidado
no processo de consolidação
da Editora Universitária do Livro Digital,
empreendimento destinado a oferecer
à comunidade publicações de real valor
e acesso inteiramente gratuito.

Um trabalho com o selo de qualidade

e-book.br